

EM TERRAS DO MOXICO

APONTAMENTOS

DE

ETNOGRAFIA ANGOLENSE

POR

FONSECA CARDOSO

(PUBLICAÇÃO PÓSTUMA)

Acerca da gente Luimbe (Quanza) — MOXICO, 27-VIII-903. — Aproveitando a estada de 74 homens da tribo luimbe, habitantes da região compreendida entre os paralelos 11°,8 e 12°,5 e meridianos 17°,5 e 18°,5 fiz o seu estudo antropométrico em três sessões. A impressão que tirei desse estudo, foi que o luimbe nos caracteres faciais não se destaca do tipo geral ganguela a cuja grande família pertence. (1) A estatura é no entanto mais baixa do que a dos luenas e quiôcos. A côr predominante é o achocolatado, n.º 28 da escala cromática de Broca.

Estou convencido de que o ganguela é o produto da

(1) Sobre as observações de F. Cardoso nota-se que dos ganguelas que elle estudou, os luimbes são os mais nigríticos. (*Nota do compilador*).

mistura de dois tipos: um de alta estatura, côr avermelhada n.º 29, narís mesorrínico, proeminente no dorso, azas do narís soerguidas e de aspecto geral fino, rosto longo, em ponta para baixo (tipo fula); o outro tipo é de rosto largo, narís platirrínico, achatado, grosseiro, face larga, com pómulos proeminentes, estatura mediana ou abaixo da média. O narís médio do ganguela é o n.º 5, de Topinard (*Eléments*, pag. 300).

Observações sôbre o luenas de Nana-Candundo.— Os luenas, de estatura menos avantajada do que os quiôcos, raras vezes atingem 1^m,70, ficando-se por 1^m,68. A côr da péle é chocolate, n.º 28. O rosto largo e curto, sendo triangular ou em ponta para baixo a parte sub-zigomática.

São alegres, duma alegria infantil, trabalhadores diligentes, sendo a sua preocupação o carregar borracha ou fazendas por conta dos negociantes; são êles os principais carregadores do Moxico. Tímidos e confiados, são apaixonados pela dança, que êles executam com viveza e alegria, cantando coralmente dum modo notável, as diversas canções indígenas.

Notas sôbre os quiôcos.— Os quiôcos na sua lingua chamam-se *ka-tchiôko*, são d'alta estatura, no seu tipo puro, ou acima da média, teem o rosto alongado com maçãs acusadas, o narís achatado e de narinas não muito grossas, a péle de côr de tijôlo (entre o fula e o hotentote?). O seu tipo é de fácil destaque na população d'entre o Cuanza e o Luena. Estabelecidos no interior dos matos, nas encostas dos rios, espalham-se entre aqueles dois rios e na Lunda, onde formam a maioria da população.

Os quiôcos vivem entre os meridianos 18º e 22º E.

Greenwich e paralelos 9º e 13º S., com uma *enclave* no vale do Combule, meridiano 22º 21' E. e paralelo 14º. 30' S., entre a população ambuela cambunda, cujas *libatas* ou aldeias a cercam por completo. Este trôço de população emigrou das nascentes do Cuito m. 18º15' e p. 12º50' para o Lutuai, afluente do Lungué Bungo, e daqui para o Combule, afluente do Cuando. Os lutchazes vivem entre os meridianos 19º-22º, tendo por limites o Dala-Cavar ao N. e o Cuxibi ao Sul; é a população da bacia do Lungué Bungo. Os Luenas ocupam o território ao N. do Luena, os vales do Lunesse e do Luena até ao Zambeze e Cassai, entre os meridianos 20º e 25º.

Os quiôcos são os últimos chegados, o povo intruso e guerreiro. Não são diligentes como os lutchazes, nem activos e alegres como os luenas. Estão sempre prontos para a guerra e para o saque, e se actualmente não exercem a pilhagem, é porque temem as autoridades. Tenho notado na população alguns narises de dôrso convexo e de narinas largas e grossas, evidentemente mestiçagem do narís tipo Sacaquengue (¹) com o chato e grosso do preto normal. A côr da péle distingue-os também dos luenas e dos lutchazes. É atijolado ou antes entre os n.ºs 28 e 29 da escala cromática de Broca, mostrando bem uma influência de população fula (n.º 29 e quiçá 30).

O busto do quiôco é perfeitamente em cone truncado, de hombros largos e cintura fina, bem assente nas ancas. O olhar tem uma certa altivez irónica.

As mulheres costumam untar o corpo com um linimento formado de óleo de mamona e argila vermelha, afim de o

(¹) É um nucleo considerado fula por F. Cardoso. (*N. do compilador*).

córam de vermelho e assemelharem-se assim à mulher fula.

História da invasão dos quiôcos na região do Moxico (contada pelo soba quiôco Matchiava e seu irmão Tchican-dato). — O primeiro soba quiôco, pai de todos os quiôcos, foi o grande Tembua-Tchissengo, o qual tendo caído do céu sôbre a terra da Lunda de Matchianvua, teve depois cinco filhos que foram sobas, Canhica, Muribangango, Candalla, Tchissengue e Dumba, e uma filha Tembo.

O Tembua-Tchissengo, um dia, na sua libata da Lunda, declarou aos seis filhos que tinham de ficar sujeitos aos seus séculos guerreiros. O Canhica, como mais velho, respondeu ao Pai, que, sendo filhos de soba grande, não podiam ficar sob a tutela dos guerreiros, mas sim serem sobas também, segundo o seu nascimento. E os seis filhos resolveram abandonar a libata paterna.

Tomaram então gente sua e seguiram sob a direcção de Canhica para o valé do Cassai. Ao chegarem ao sitio Muhe-ôna, na margem esquerda desse rio, encontraram as libatas dos sobas lundas-bangalas Muhuri e Quimbundo, e resolveram estabelecer-se aí. Os sobas bangalas, porém, opuzeram-se. Enquanto os quiôcos questionavam com os bangalas sôbre o caso, um século dos primeiros, de nome Tchiembe, foi caçar e, adeantando-se, foi dar a um grande rio que era o próprio Cassai. Espantado, atravessou-o na sua parte mais estreita sôbre umas pedras, e, continuando a caminhar pela margem oposta, viu uma rôla que matou com uma frechada. Abriu a rôla e dentro do papo encontrou massango. Então considerou: "Se esta rôla, vinda do sul, tem massango, é porque para lá ha que comer, e portanto escusado é estar a

fazer mais questão com os bangalas-lundas... Dirigiu-se logo ao chilombo e expôz aos sobas a sua descoberta.

O Canhica e os seus irmãos decidiram continuar para além Cassai, em busca do país em que havia massango. Os bangalas, porém, opuzeram-se a que seguissem, e perante tal opposição estalou a guerra entre êles e os quiôcos. Na luta morreram quatro dos sobas quiôcos, ficando prisioneira Tembo, que foi vendida no Minungo, em Cassanje.

Ficou só Canhica e seu irmão mais novo Dembua ⁽¹⁾, que continuaram a avançar até às origens do Cassai, sempre por mato fechado, sem verem ninguém. Neste ponto, encontrando lugar propício, estabeleceram a sua embala e mandaram gente sua a Cassanje comprar sal com mel da floresta. Esta gente soube aí que a irmã de Canhica, Tembo, estava numa cêrca do Minungo. Voltou e contou o facto a Canhica, que convocou os seus e perguntou quem era capaz de ir salvar sua irmã. Responderam dois quiôcos que iam lá. E disfarçando-se em *muquixes*, seguiram para o Minungo, com dois serviçais. Chamavam-se esses quiôcos Catuimbata e Maianga. Entraram na cêrca e puzeram-se a dançar e a cantar; e, como a Tembo estava um pouco afastada, os outros dois, os serviçais, raptaram-na sem o povo do Minungo dar por isso, tão entretido se encontrava com os desconhecidos *muquixes*.

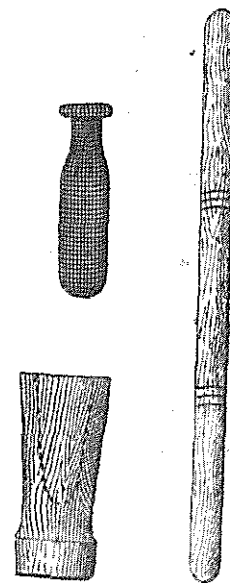


Fig. 1 — Instrumentos de fazer fuba; um saco peneiro de vime (*musalo*); um almo-fariz de madeira (*rianda*); e à direita um pisador de madeira (*mulche*).

⁽¹⁾ Não se fala neste irmão de Canhica no princípio da narração. (*N. do compilador*).

Tembo estabeleceu-se então junto do seu irmão Canhica e teve seis filhos: Candalla, Manlombo, Tumba, Matchiava, Quissana e Manzua. Canhica, logo que estes cresceram, disse à Tembo: "Fica tu aqui nos Ganguelas, que eu vou para o Songo estabelecer-me". E no dia em que se retirou para o Songo, entregou dois *lupembe* (1) ao Candalla e ao Matchiava, dizendo-lhes que fossem *tongar*. O Matchiava

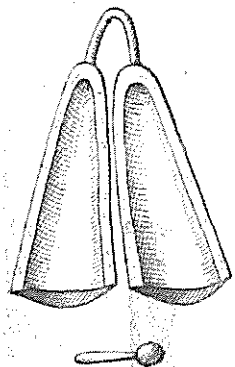


Fig. 2—*Lupembe*, instrumento de ferro que usam os sobas ganguelas, hienos e baitundos.

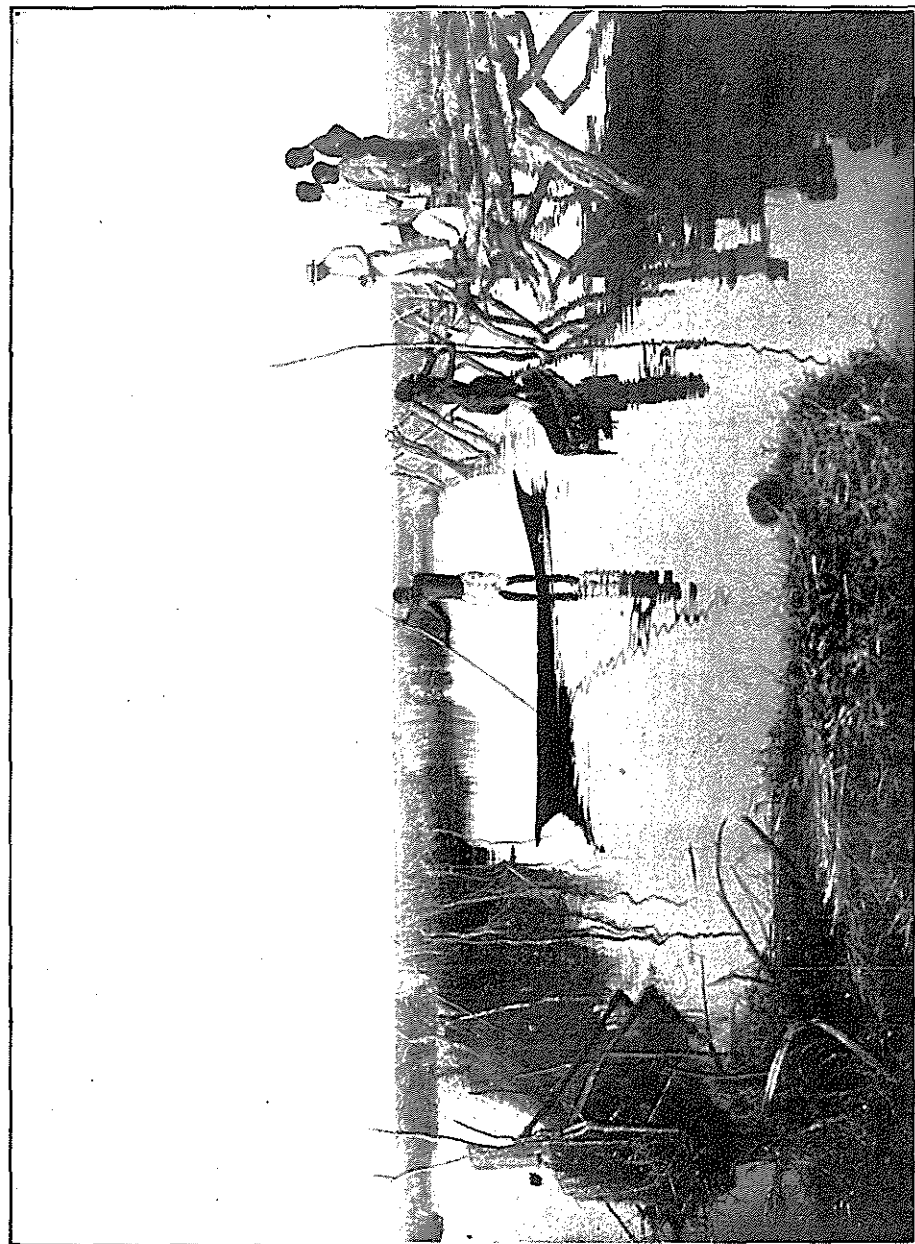
estabeleceu-se primeiro no Luchia e depois no Lunuge onde ainda está, no afluente Loculo. Candalla foi primeiro para o Dambe, afluente do Cassai, e depois para o Camileque, outro afluente do Cassai, onde sustentou lutas intestinas com os seus séculos. Quissaca acompanhou seu tio Canhica para o Songo. Manlombo estabeleceu-se no Lunuje, Manzua na margem esquerda do Cassai, no seu afluente Muituyo, e Tumba na margem esquerda do Luena, próximo da nascente.

Estes sobas morreram e os seus quilolos espalharam-se então para o sul sobre o valle do Simoe e Luena, e mais tarde até ao Dala-Cavar, Lubô, e para o Catalavianja e Chindumba.

Do soba Tumbo, filho da Tembo, descende o seu neto, actual soba grande, Samiquelengue, que foi para a origem do Dala-Cavar, onde se acha, e é amigo da fortaleza do Moxico.

O estabelecimento entre o Simoe e o Dala-Cavar não se fez sem luta, pois esta região era disputada também pelos lutchazes que tinham ocupado o Dala-Cavar até à Chindera

(1) Instrumento de ferro, dois sinos ou chocalhos de ferro ligados, usados somente pelo soba grande (fig. 2).



e o vale do Chimoe. Foram quilolos do Matchiava e de Tumba, de quem descende o Samiquelengue actual, que construíram as suas libatas entre as dos lutchazes no vale de Chimoe e Dala-Cavar. Em breve se deram dissidências e questões entre os dois povos e, tomando as armas, os quiôcos expulsaram os lutchazes para além Dala-Cavar. Ficaram no entanto com o Boma alguns lutchazes, na margem do Simoe, e o Tchitaúla. O Boma é quiôco, ex-quilolo de Canhica, que se ligou com os lutchazes que não quiseram seguir os companheiros.

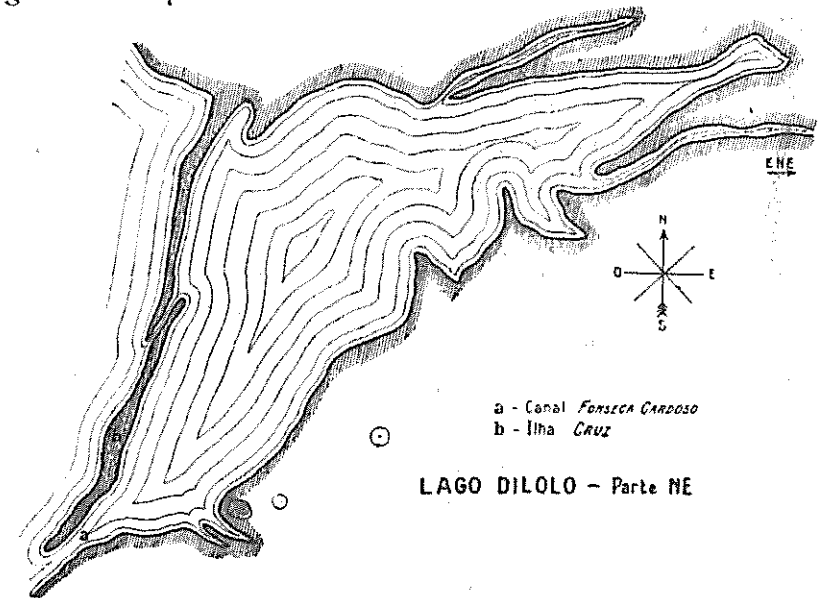


Fig. 3 — Croquis levantado por Fonseca Cardoso — Reduzido da escala $\frac{1}{20000}$ a $\frac{1}{70000}$ (9-VIII-904)

Os sobas lutchazes Canduli e Tchineca eram os senhores da terra de Simoe. Dêles descendem o Riuma e o Tchitar actuais. A causa da luta entre êles e os quiôcos foi o facto de, na ocasião da colheita do massango, aqueles sobas terem cortado a cabeça a uns quiôcos, segundo o costume entre os sobas lutchazes daquele tempo, que exigia essa pratica para

poderem comer. Os quiôcos não se conformaram com tal costume, que entretanto se conserva ainda lá para as Ganguelas e que de resto os quiôcos também tinham. Actualmente entre os lutchazes, sempre que se faz mantimento novo, o soba manda matar um seu *filho*, isto é, um seu subdito; entre os quiôcos não se comia o mantimento da colheita do ano sem que morresse por feitiço um rapaz. Neste caso, regavam o manipanço com o sangue da vítima e logo o soba anunciava ao povo que podia comer os produtos do novo ano. Hoje substituem esse sangue pelo duma cabra. Afirma-se que não matavam o rapaz à faca mas com veneno.



Fig. 4 — Diabete indígena (As grandes tem 30 cm. de comp. por 5 cm. de larg. as pequenas 20 cm. por 4 cm.)

A origem da palavra "quioco", é, segundo a lenda contada por Martins de Carvalho (!) tirada da frase dita por Lueji, rainha da Lunda, ao seu parente Nana Cambamba: "*aioko a ku quinguri*,". (Vão também lá para Quinguri!). Esta frase determinou a partida de alguma gente do Muatianvua, fiel a Nana Cambamba, que passou a denominar-se *aioko*, e depois *tchioco*, *catchioco*, sinónimo de "expatriado".

Esta Nana Cambamba foi a mãe de Quisengue ou Tchissengue, a quem alude a lenda que me foi contada pelos dois sobas quiôcos.

Sôbre o enterramento dos sobas entre os quiôcos.— Quando morre o soba, deixam-no dentro da cubata em que faleceu, até apodrecer ou até se lhe despirem as carnes. Trez séculos da família ficam

(!) *Expedição ao Muatianvua.*— Vol. "Ethnographia e história dos povos da Lunda,"— Lisboa, 1890, p. 90.

junto dêle durante esse tempo, a fim de se convencerem de que realmente é morto. Para a decomposição se apressar e evitar maus cheiros, fazem massagens ao corpo com agua quente até ficar resequido. Durante este tempo que é aproximadamente de dois meses, fazem batuques dia e noite em volta da casa. Findo o tempo, metem os restos do soba num caixote e enterram-no na margem dum rio, fazendo-lhe uma cêrca de paus com caveiras de cabra e de boi.

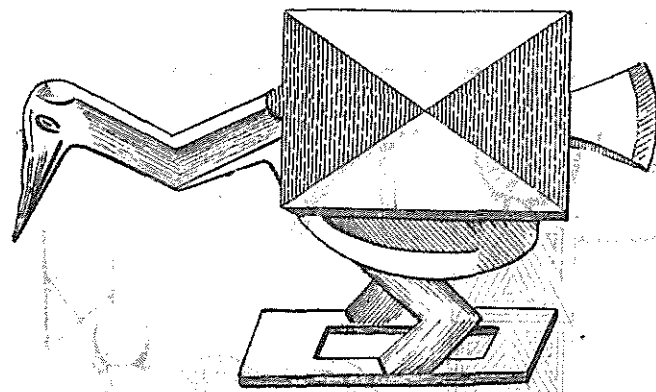


Fig. 5 — Banco de madeira representando um Quituanjumbô

Então entra em scena o novo soba que é sobrinho do falecido, isto é, filho duma sua irmã, e que é eleito pelos séculos e quilolos. Mata-se um boi e fazem-se batuques. O acesso do soba ao poder é marcada pela lavagem do *quimbanda* ou cirurgião na casa do falecido. O novo régulo fica com a caveira do que morreu e com um direito de posse permanente ao sobado.

Lenda lutchaze sobre a sua migração.— Os lutchazes da região do Canasse e Dala-Cavar julgam-se parentes dos luenas, os quais pôdem tongar nas suas terras, havendo realmente algumas libatas luenas próximo a Riuma.

Os quiôcos são, porém, um povo diferente e seu amigo. Estes lutchazes declaram terem saído das margens do Zambeze, perto de Caquengue, e seguido, dirigidos pelo soba Cutchiné, para as proximidades de Cangamba onde se estabeleceram. A região, porém, era má para a sua alimentação e por isso a abandonaram algum tempo depois, passando para a margem oposta do Lungué-Bungo. Encontraram, porém, aí gente governada por um soba grande, chamado Tchíneca, o qual, sendo também lutchaze, os deixou tongar.

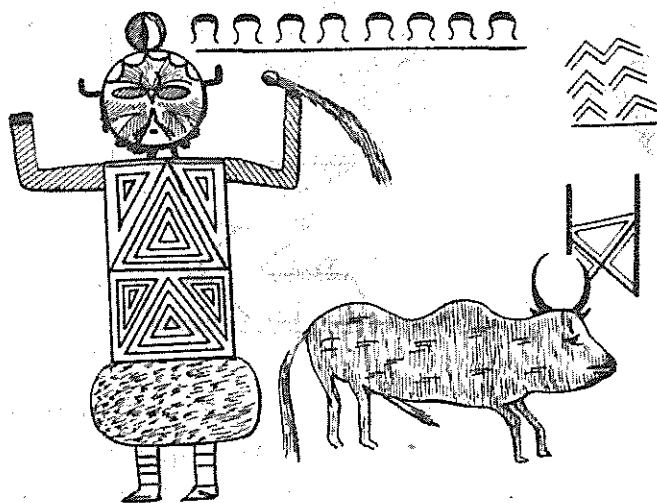


Fig. 6 — Pintura mural numa cubata da embala Pan. A figura antropomorfa é dum riquisse; junto das hastes do boi está um muambo de ferro feito na Garangoja (para pulseira ou bracelete de mulher)

As duas populações misturaram-se. Morrendo os dois sobas, os herdeiros dividiram o território entre si, como hoje se encontra.

É crença dos lutchazes que os lubas, luenas, lutchazes e luimbes tiveram origem comum nas margens do Zambeze, nas terras de Tchau, Paco e Gunja, perto de Caquengue. Existe ali uma enorme lago, tendo gravados os passos, as

armas, pés de cão e de cadeiras onde esteve gente sentada. Dizem que foi ali que Deus outrora fez os homens, e dali que estes se espalharam pela terra.

*

A lenda do lago Diloto.—No centro do lago existia outrora um soba de nome Munhinga com sua embala, tendo em volta as libatas dos seus quilolos. Onde hoje é água era então terra firme. Um dia o soba resolveu ir com a sua gente caçar corças ao mato. Durante a noite teve um sonho, que de manhã narrou aos seus companheiros:

—Esta noite tive um mau sonho e alguma coisa vai suceder na embala. Imaginem que sonhei que as casas das minhas libatas estavam cobertas de água. Nunca tive um sonho igual. Amarrai a caça que apanhei, porque eu não posso caçar mais, e vamos para a libata!

—Ora, isso foi só sonho, disseram-lhe os quilolos seus companheiros. Não é caso para deixarmos de caçar.

—Não. Este sonho não foi como os outros que tenho tido. Vamos já para a embala.

Pôz-se a comitiva em marcha e ao chegar à orla do mato, viram todos com espanto que o lugar das libatas estava coberto por água.

—O que é isto? Deixei libatas e encontro água! Certamente os meus filhos e as minhas mulheres ficaram sepultados na água — exclamou Munhinga. E, voltando-se para os seus, disse:— Os que me quiserem acompanhar, sigam-me. Eu vou para a minha embala, para junto dos meus!

Apenas quatro catumas o acompanharam. O soba então entrou na água. Primeiro, molhou os pés; depois, as pernas, o tronco e por fim a cabeça. E assim Munhinga desapareceu para sempre no fundo das águas.

Eis o que deu causa a esta inundação:

Quando o soba Munhinga foi caçar, apareceu uma velha com uma quinda pequena de peixe para venda. Percorreu diversas libatas a oferecer o peixe, o qual era sempre regeitado, com o seguinte dito:

— Ora, você é uma velha, não presta para nada. Se fosse uma rapariga bôa, então dava-se-lhe *fuba* em troca do seu peixe.

A velha, não se importando, dizia apenas:

— Sim, tendes razão. Eu sou velha, não presto para nada, vocês é que são bons. Vou a outro lugar vê se há alguém que queira aceitar o meu peixe.

Na embala foi recebida com o mesmo desprezo. Ao retirar-se, passou por uma libata arredada, que ficava no sítio onde hoje está o canal do lago (v. fig. 3). Uma rapariga estava fazendo *garapa*. A velha perguntou-lhe:

— Queres comprar este peixe?

— Compro, visto te-res necessidade disso

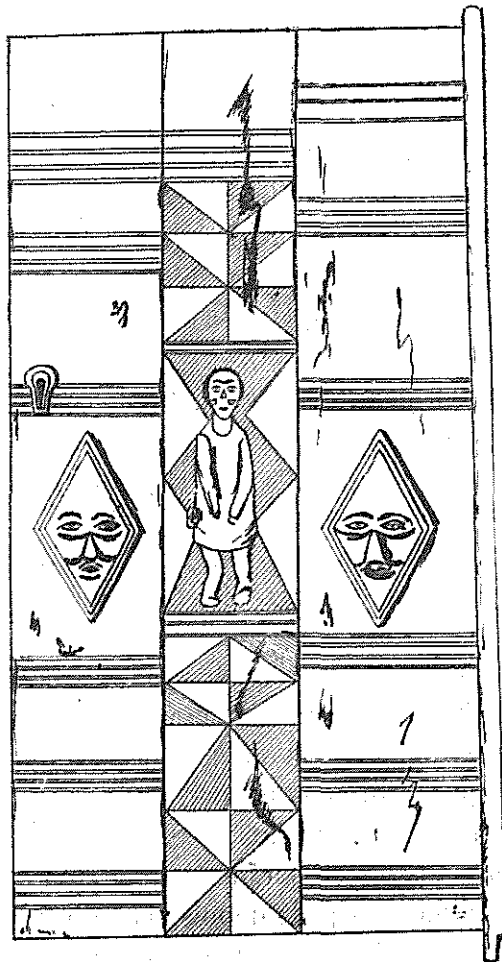


Fig. 7 — Porta de casa, na libata luena Diungo

— Mas eu sou uma velha, não presto para nada.

— Não diga isso. Você é mais velha do que eu que estou fazendo *garapa* para a minha *mucanda*, portanto merece o meu respeito. Tome lá *garapa*. Dê cá o seu peixe e aqui tem *fuba* que eu mesma lhe transportarei.

— Então queres levar-me a *fuba*? Não consinto.

— Sim, levo, porque você é velha e fraca e eu sou nova e forte.

Puzeram-se em marcha, e passado bastante tempo a velha parou e, voltando-se para o sítio das libatas, disse para a mãe da rapariga que se chamava Nhamuare:

— Olha: tua filha entrou na *mucanda*; quando sair dela, depois de amanhã, à meia noite, pregarei uma má partida àqueles que me chamaram velha. Olha, avisa os teus parentes para que saiam daquele sítio, até esse dia e hora, porque nesse momento me ouvirás a voz, e as libatas serão arrasadas pela água.

Nhamuare chamou os parentes e contou-lhes a ameaça da velha. Uns riram-se com desprezo, porém outros atenderam o aviso e resolveram emigrar.

A Muare filha saiu da *mucanda* e fez-se o batuque, bebendo-se *garapa*. Ao aproximar-se a meia noite, a velha apareceu junto da libata e gritou:

— Nhamuare, lembra-te da conversa de ante-hontem? Trata de sair daqui com os teus. Eu sou "*Calumbo nacolla*", a mulher que não morre nunca!

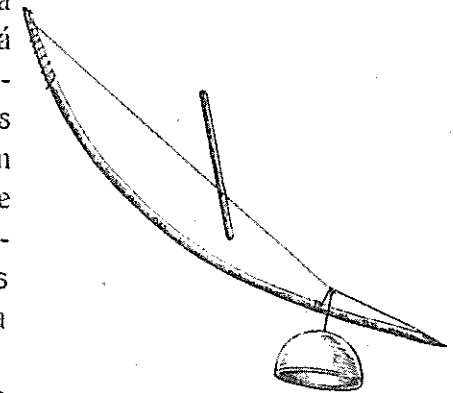


Fig. 8 — Bolumbumba, instrumento de corda

Os da libata Nhamuare fugiram; os incrédulos ficaram.

Então, um sulco enorme, profundo, se cavou em torno dos libatas e as águas começaram correndo e invadindo as libatas. Ao ruído da água borbulhante, o gentio tentava fugir, mas o terreno amolecia e êle enterrava-se no lodo. Por fim a água cobriu tudo, e tudo sepultou no seu seio. A Calumbo escolheu então para morada o local onde hoje é o braço do lago que tem o seu nome.

Outra variante da lenda:

A velha Calumbo apareceu com o corpo pôdre, como um sapo, e a toda a gente pedia que lhe tirasse a matéria para ficar bôa. Todos se recusaram, excepto uma rapariga que se prontificou a isso. A velha disse-lhe então:

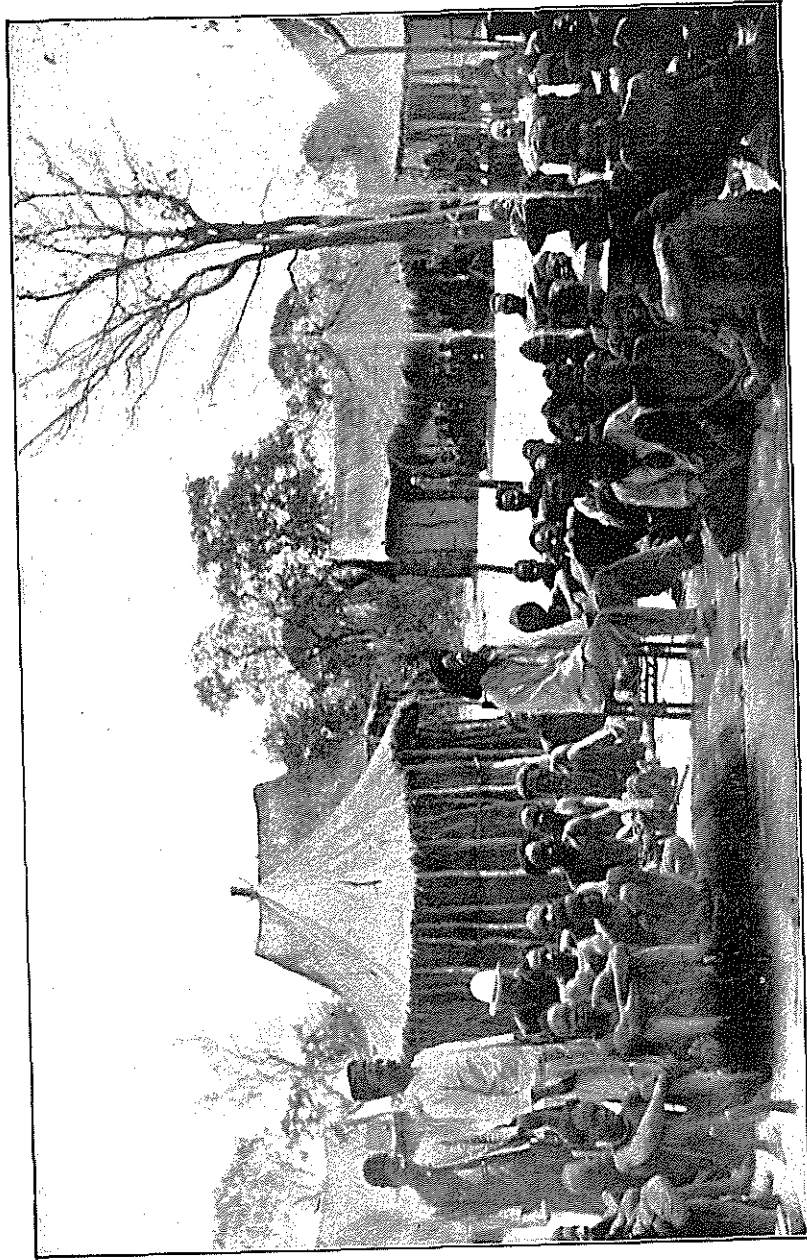
—Andaste bem. O que fiz, foi para experimentar. Amanhã esta terra vai ser arrasada, etc.

De noite começou a chover muito, a terra a encharcar-se e as casas a afundarem-se na água. A gente, cabras, etc., não podiam fugir, porque as águas eram já fundas. Finalmente tudo ficou coberto de água e sepultado no seio desta para sempre.

Quando chove, o Calumbo chega até ao Langueje, que é afluente do Tchifumaje.

Designação indígena dos Belgas.—Além de *muatocas* —comedores de gente (!)—os belgas são conhecidos entre os povos circumvizinhos (do lago Dilolo) pelo nome de *Buta matari* ou *opelá matari*.

Cerimónia da mucanda nos Ganguelas.—A *mucanda* é



O soba grande Tchinhama, das margens do Luvua, recebendo com toda a sua cõrte e povo da embala, a visita do capitão-mor do México

a cerimónia na qual se faz a circuncisão aos rapazes ou se festeja a chegada da menstruação nas raparigas.

Nos rapazes. — Quando há um certo número de rapazes que atingiram a idade própria para a circuncisão (dos oito anos aos dezoito, estes últimos raríssimos), o soba da libata onde se há-de realizar a operação, anuncia o facto a todos os sobas vizinhos para estes enviarem todos os rapazes nas mesmas condições. Reunem-se as crianças num *jango* dessa libata, e durante dez dias canta-se e dança-se ao som do *gingufe* ou da *goma* e bebe-se *tchimbombo* (bebida fermentada de massango e mel). No interior do mato, a um quilómetro de distância aproximadamente faz-se uma cêrca com ramos de árvores, no meio da qual se constroem cabanas para as crianças. Ao fim do terceiro dia e a meio do caminho, estabelece-se o *ganga-mucanda* ou o século operador, e da libata sai uma criança que, no meio de grande vozearia de todos os parentes e amigos que cercam as crianças, vai ao operador que lhe cõrta o prepúcio em volta da glande.

Há dois modos de operar. No primeiro, puxa-se o prepúcio acima do meato urinário, cortando-o com um golpe nítido duma faca afiadíssima e destinada unicamente a esta operação. No outro, dá-se um golpe perpendicular no freio e depois continua-se o cõrte para os lados em volta da glande; em seguida, lava-se em água semelhante à da linhaça para evitar a inflamação.

A criança, em seguida à operação, vai para a cerca, não podendo vêr nem conviver com mulheres ou pessoas não circuncidadas. Um homem serve de enfermeiro e guarda a cada criança, incumbindo-se ainda de lhe levar de comer e

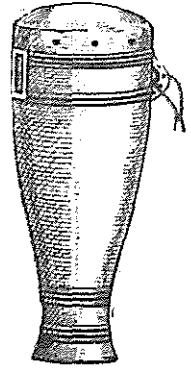


Fig. 9 — Goma, instrumento musical

sendo obrigado a não ter relação ou contacto com mulher alguma. Também entre o pai e a mãe da criança operada não há coito durante o tempo de cura do circunciso. Ao fim dum mês estes acham-se curados e são postos em liberdade. Nesta ocasião, os homens que os guardam, mascaram-se e vão percorrer as libatas com cantos a que as mulheres respondem em côro. A estes homens mascarados chama-se *muquixes*. Nas vésperas da saída toda a libata prepara o *tchimbombo* e os pais arranjam o pagamento em fazendas aos guardas, que recebem de 16 a 40 jardas. Os rapazes são pintados com riscas vermelhas, pretas e brancas pelo corpo, e trazem chapéus enfeitados na cabeça. No dia seguinte veem juntos à libata, onde são recebidos alegremente por toda a multidão de parentes e mais pessoas que os vem vêr dançar. Dançam então toda a tarde e toda a noite, como lhes ensinaram durante o tempo da mucanda que passaram na cêrca. E tudo termina com um tiroteio.

Nas raparigas. — Quando lhes chega a menstruação, o futuro marido anuncia esse facto à libata. Logo a rapariga se esconde da vista dos homens, sendo-lhe defezo vê-los. As mulheres vão então ao mato onde constroem um *chingue*, ao passo que a família da rapariga dança e canta em frente da casa dela.

O futuro marido tem então de dar presentes. Em seguida a rapariga vai para o chingue, onde fica sob a guarda duma mulher que a ensina a dançar e a inicia no coito, ao mesmo tempo que a obriga a diariamente distender os pequenos lábios e a unta-los com óleo de mamona.

Esta mucanda dura três meses, ao fim dos quais os lábios estão distendidos uns cinco a dez centímetros. Quando tudo está pronto e há *tchimbombo* em abundância, a família da rapariga vai buscar o homem, o futuro marido, e condu-

lo às costas até ao meio da libata. Êle senta-se então sôbre uma esteira no interior do jango e paga 8 jardas à família da rapariga. Posto isto os parentes dêle vão ao mato buscar a iniciada que trazem também às costas. Ela chega, e ficam os dois toda a noite juntos, enquanto toda a gente dança em redor com fogueiras acesas. Quando a rapariga se senta o homem paga mais 4 jardas.

De madrugada a rapariga volta com a *quilombola* (a mulher que a guarda) para o chingue no mato. Horas depois reúne-se outra vez a multidão e o homem manda chamar a rapariga que vem às costas dos parentes dela, esperando o

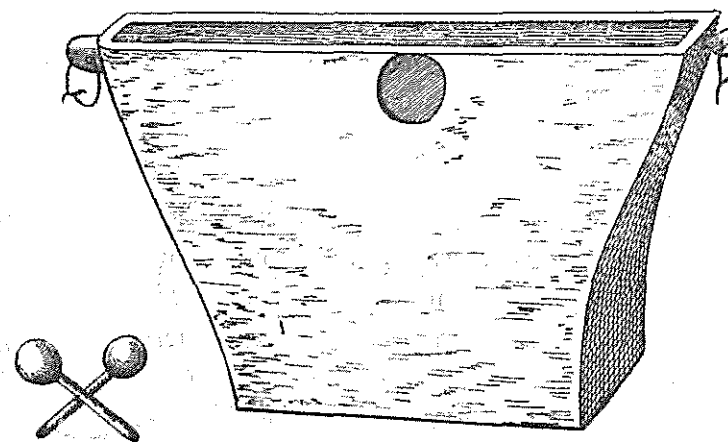


Fig. 10 — Gingufe, instrumento musical. À esquerda as respectivas maçanetas

homem de pé. Junto dêle se coloca a guarda da rapariga. Esta última começa a dançar sósinha e o homem paga à guarda 16 jardas. A dança repete-se e o homem paga de novo. Ainda paga uma terceira vez. Então, arrebatada a rapariga e leva-a até à porta da casa da mãe dela, sentando-se aí os dois numa esteira e tomando ambos *tchimbombo*. Depois a mãe dela leva-a para casa do noivo, a cuja porta ela dança

outra vez, e de novo os dois bebem tchimbombo. Resoam descargas. Terminou a mucanda.

Instrumentos musicais dos Ganguelas. — Os ganguelas usam o *bolumbumba*, o *goma*, o *gingufe*, o *quissanje*, e os sobas ganguelas, bienos e bailundos o *lupembe*. O *marimbo* é raro nos ganguelas, apenas comum nos bienos e bailundos.

O *lupembe* é um instrumento de ferro, constituído por dois sinos ou chocalhos ligados (fig. 2).

O *bolumbumba* (fig. 8) é um instrumento de corda. O indígena toca-o, tangendo com uma haste de capim a corda tensa num arco de madeira, e premindo-a com o dedo polegar e o indicador da mão direita, junto da ligação com meia cabaça que, suspensa da corda, serve de caixa de ressonância. Variando a pressão do dedo, varia o som.

O *goma*, (fig. 9) que é um tambôr, isto é, um cilindro alongado e ôco, encimado por uma pele tensa de cabrito, toca-se batendo com as mãos na pele depois desta ter ido previamente ao fogo. O *goma* pode ter 1^m,10 de altura.

O *gingufe* (fig. 10) consiste num trapésio de madeira de *muchive* (ou pau ferro), ôco por dentro, com 0^m,50 de altura, 0^m,50 de largura na base e 0^m,77 de largura na parte superior, e tendo junto da abertura superior dois discos de borracha colada, onde se bate com duas maçanetas de borracha como num bombo.

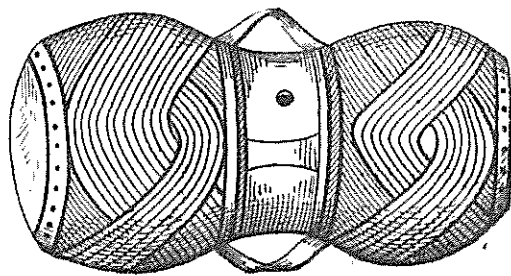


Fig. 11 — Dingo, instrumento musical do Ganyua Tchinama, margens do Luvua

O *quissanje* pôde ser simples, com meia cabaça servindo de caixa, e com uma escála de palhetas de ferro, ou completo, tendo então uma escála dupla e assente sôbre madeira ôca que serve de caixa resonante.

Nas margens do Luvua, usa-se o *dingo* (fig. 11), semelhante ao *goma*, e construído de madeira preta e pêles de cobra nas 2 aberturas do cilindro. Bate-se com as mãos dos dois lados.

Vocabulários:

Português	Luena	Quioco (Kioko, Tzioco)	Bailundo
Homem	Lunga	Lunga	Olume
Mulher	Puhó, Puhéu	Puhó, Puhéu	Ukáim
Rapaz	Muana-lunga	Muana-lunga	Ukuenjhi, Ma- bhen (?)
Rapariga	Muana-puhéu	Muana-puhó	Ufeko
Pae	Tata	Tata	Tata
Mãe	Mamá	Mamá	Mamá, Mai
Filho	Muana	Muana	Omona
Irmão (mais velho)	Songo-iáme	Dumbo-ami	Manjame
Irmão (mais novo)	Iáia	Iáia	—
Tio	Nato	Mathú	—
Irmã	Dumbuame	Dumbuame	Manjame-ukai
Cabeça	Mutuë	Mutuë	Utuë
Cara	Kumeço	Kumeço	Kubaço, Xipalla
Cabelos	Khambo	Khambo	Ingonbo
Dentes	Máza	Mázo	Vaífo
Boca	Kánua	Kánua	Mukano
Lingua	Ririmi	Rimi	Rime
Olho (-s)	Messu (mu-)	Messu (mu-)	Kubaço
Barba	Uëvo	Uëvo	Longeze (?)
Pescoço	Xingo	Kota	Xingo
Peito	Tutô	Tutô	Onulô

Português	Luena	Quioco (Kioko, Tzioco)	Bailundo
Rins	Mitanda	Mitanda	Miongo
Ventre	Mujimo	Mujima	Imo
Braço	Reboku	Kôku	Uoko
Mão	Txipamba	Txipamba	Beka
Dedo	Minué	Minué	Minué
Perna	Lirinje	Kulo	Xikalo (pl. Bikalo)
Pé	Txiriatrixilu	Txipundu	Alomembe (?)
Mama	Mabeli	Mabeli	Mabeli
Sol	Rikumbe	Muélua	Ekumbi
Estrela	Tanganika	Tanganika	—
Lua	Kakueije	Kacuije	Mueja
Dia (sol)	Moçana	Mualo	Utanha
Noite	Ufuko	Ufuko	Uteka
Tarde	Txingexe	Txingolóxe	Kukumbi
Manhã	Tximene	Tximene	Kimene
Água	Meia	Meia	Obaba
Chuva	Vula	Vula	Umbêr
Monte	Milundo	Miloundo	Munda
Mato, bosque	Txipapa	Ussake	Ussito
Rio	Ka-luije	Ka-luije	Olui
Árvore	Mutondo	Mutondo	Oite
Boi	Gombe	Gombe	Gombe
Carneiro	Mukoko	Mukoko	Même
Cabra	Pembe	Pembe	Hambo
Porco	Gulo	Gulo	Gulo, Nongola
Galinha	Kassumbi	Kassumbi	Sanja
Lebre	Embalo	Embalo	Kandimba
Pomba, rôla	Riemi	Riemi	Riemi
Ave, passaro	Kajila	Kajila	—
Peixe	Ixe	Ixe	Aloxe
Carne	Ifo	Ifo	Xito
Pano	Ina	Ina	Nanja
Prato	Txienge	Txienge	Longa
Faca	Pôko	Pôko	Móku
Garfo ou colher	Guto	Guto	Otxito

Português	Luena	Quioco (Kioko Txióco)	Bailundo
Caminho	Mujila	Mujila	Ongbira (?), bikóka
Casa	Mozua	Mozua	Manjbo
Cama	Muéla	Muéla	Ula
Cadeira	Txituamo	Txituamo	Amango
Meu	Iame	Iame	Ianjue
Teu	Iênhe	Iênhe	Ibânhe
Seu	Txame	Txame	Xiange
Dêle	Orienhe	Orienhe	Iahem (?)
Um	Umué	Umuika	Umámua
Muitos	Iávulo	Iinje	Iálua
1	Kaxi	Kaxi	Môxo
2	Kabari	Kabari	Bivari
3	Kato	Kato	Bitato
4	Iuane	Iuane	Bikuane
5	Itano	Itano	Itano
6	Mussamba	Mussambano	Pando
7	Tximiliano	Iximbiane	Panduvári
8	Nake	Nake	E'txinana
9	Vuá	Vuá	Etxira
10	Rikumi	Ciuni	Ekuim
Hontem	Zau	Zau	—
Hoje	Mussono	Mussono	—
Todos os dias	Makumbiêso	Mantangêso	Nekaiosso
Ter	Urinaio	Urinaio	Ukuéte
Vêr	Kutala	Kutala	Kuanja
Comer	Uriako	Uriako	Gutakinha
Trazer	Nebân (?)	Nebân (?)	Nena
Conhecer	Kunhingika	Kunhingika	Kukuriban
Levar	Ambata	Ambata	Ambata, ielula
Dar	Gubane	Pé	Nitren (?)
Tomar	Uá	Uá	Tambula
Querer	Zanga	Zanga	Diongola
Não querer	Txissola	Txissola	Txiongola
Ir	Nanguia	Nanjúia	Okuenda
Ir embora	Iako	Iako	Kuendi

Português	Luena	Quioco (Kioko, Txióco)	Bailundo
Sair	Txine	Txine	Tundapa
Entrar	Injila	Injila	Ningbira (?)
Fechar a porta	Kussoka (?)	Ajila	Ikako
Abriu a porta	Sokololo	Azulula	Ikula
Pôr	Fuka	Fuka	Kapa
Guardar	Kassuéke	Sako, aka	Kapa
Mostrar	Gulueze	Gulueze	Dilekesse
Cortar	Kutela	Kupatula	Batula teta
Fazer	Turinga upan- gue	Turinga - upan- gue	—
Fechar os olhos	Jika komesso	Jika-komesso	Ika kobaço
Lavar o corpo	Kussana	Sana	Secúla
Lavar a roupa	Akossa bikuta	Akossa bikuta	Secúla
Onde vai dar o caminho?	Inai kuri?	Inai kuri?	Icudapi?
Onde está?	Kuri unhaiaka?	Kuri unaissa?	Jikápa pi?
Está em casa	Kozú orienhe	Kuri urienhe	Kunjoiatren (?)
dêle			
Estar doente	Ikola	Ikola	Kubala
Mostra o cami- nho	Gulueze mujila	Gulueze mijila	—
Como te cha- mas?	Ginar iobe?	Ginar ié?	Andu kaiobi?
Que é?	Ika?	Ika?	Nhê?

ÍNDICE ANALÍTICO

Antropologia dos luimbés, 11; dos quiocos e luenas, 12.
 Arte ornamental, 20, 22.
 Bailundos — vocabulário, 30.
 Bangalas — sobas, 14.
 Belgas — designação indígena, 24.
 Bolumbumba, 23, 28.
 Calumbo nacolla, 23.
 Canto, 12, 25-27.
 Casamento entre os Ganguelas, 26.
 Circumcisão entre os Ganguelas, 25.
 Dansa, 12, 25-27.
 Dilolo (lago), 17; lenda do —, 21.
 Dingo, 28, 29.
 Enterramento dos sobas quiocos, 18.
 Fuba (instrumento de fazer fuba), 15.
 Ganguelas — tipo físico, 11; mucanda nos —, 24.
 Gingufe, 27, 28.
 Goma, 25, 28.
 Guerra, 13.
 Instrumentos musicas, 28.
 Locuções, 33.
 Lubas — origem, 20.
 Luenas — tipo físico e costumes, 12; distribuição, 13; origem, 20; arte ornamental, 22; vocabulário, 30.
 Luimbés — tipo físico, 11; origem, 20.
 Lupembe, 16, 18.

Lutchazes — distribuição, 13; luctas com os Quiôcos, 16; costumes, 17; lenda lutchaze sobre a sua migração, 19; origem, 20.
 Marimbo, 28.
 Menstruação nas raparigas ganguelas, 25.
 Mucanda nas Ganguelas, 23, 24.
 Muquixes, 15, 26.
 Música, 28, (V. *canto*).
 Numeração, 32, 35.
 Origem dos homens (lenda lutchaze), 21.
 Pintura corporal, 13, 26.
 Pintura mural, 20.
 Quilombola, 27.
 Quimbanda, 19.
 Quiôcos — designação, 12, 18; tipo, distribuição, 12; história da sua invasão, 14; costumes, 18; vocabulário, 30.
 Quissanje, 29.
 Sacaquengue (tipo), 13.
 Sucessão dos sobas entre os Quiocos, 19.
 Tchimbombo, 25-28.
 Vocabulários luena, quioco e bailundo, 30.

NOTA DO COMPILADOR

Segundo o sr. major Leite de Magalhães, os 1.^{os} dez números em luena são 1, *umuhé*; 2, *babári*; 3, *balatu*; 4, *bauhana*; 5, *batanu*; 6, *batanu na umuhé*; 7, *batanu na babári*; 8, *batanu na balata*; 9, *batanu na bauhana*; 10, *rikumi*.

Algumas das palavras luenas e quiocas do vocabulário de Fonseca Cardoso foram revistas em face dos apontamentos do sr. major Magalhães.

No texto respeitou-se a ortografia do autor nos termos indígenas: no vocabulário foi uniformizada com a corrente.